

Texto, re-texto e contextos: *alteridade de Lispector a Bishop e a interface literatura/política nas Américas em Guerra Fria*



Campanha do Office of War Information. Série World War II Posters, 1942-1945, fotografia (detalhe).

Maria G. Gatti

Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Literatura e doutoranda em História e Literaturas Neolatinas na Harvard University (EUA).
gatti@g.harvard.edu

Texto, re-texto e contextos: alteridade de Lispector a Bishop e a interface literatura/política nas Américas em Guerra Fria

Text, re-text and contexts: otherness from Lispector to Bishop and the literature/politics interface in Cold War Americas

Maria G. Gatti

RESUMO

Nas relações políticas e culturais do Brasil com o exterior, no período entre a Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria, a função da literatura foi pensada tanto como veículo de compreensão mútua entre as nações quanto como potencial carregadora de ideologia subversiva. Este trabalho observa as diferenças entre o conto "A menor mulher do mundo", de Clarice Lispector, e sua tradução por Elizabeth Bishop, explorando as nuances da circulação de ideias entre as Américas através da ficção. Lido ao lado de material de arquivos estatais, o caso revela encruzilhadas da literatura em sua vida global como fonte histórica, permitindo reflexões sobre fato e ficção, literatura e política.

PALAVRAS-CHAVE: literatura e política externa; Guerra Fria; tradução.

ABSTRACT

In Brazil's political and cultural relations abroad. in the period between World War II and early Cold War, the function of literature was thought as both a vehicle for mutual understanding among nations and as a potential carrier of unwanted ideology. This work draws from the differences between Clarice Lispector's short story "A menor mulher do mundo" and its English translation by Elizabeth Bishop to explore the nuances in the inter-American circulation of ideas through fiction. Juxtaposed to state archive material, the case reveals crossroads of literature and its global after-life as a historical source, allowing for reflections on fact and fiction, literature and politics.

KEYWORDS: literature and foreign policy; Cold War; translation.



Se não saís de ti, não chegas a saber quem és.
José Saramago. *O conto da ilha desconhecida*.

Os gregos antigos não sabiam que eram "gregos antigos", e Shakespeare, do tamanho com que o conhecemos hoje, não caberia no seu século XVI.¹ Partindo do pressuposto de que uma obra cultural é inevitavelmente fruto de seu contexto histórico e deve, portanto, ser estudada como documento², com-

¹ Cf. BAKHTIN, Mikhail. Response to a question from the Novy Mir Editorial Staff. *In: Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas Press, 1986.

² Ver CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história da literatura*. São Paulo: T.A. Queiroz editor, 2002; CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998; THOMP-

preendê-la também fora do seu espaço e do seu tempo oferece novos caminhos interpretativos na comparação entre as realidades, entre original, adaptação e a respeito do traslado em si. Quando a obra é traduzida ou reeditada muito tempo depois, viajando para um novo contexto, no que acarretam as perdas de tradução, de um tempo, lugar ou idioma? O elemento da exterioridade, na circulação internacional de ficção (e ideias), adquire ainda outra camada de complexidade ao considerarmos os canais por onde a literatura viaja, isto é, sob influência estatal – seja em impostos, acordos interculturais, ou censura internacional por diferenças ideológicas entre um e outro país que está a intercambiar literatura. Na história intelectual internacional do Brasil, a literatura é discutida ora como representativa, ora como subversiva. Quando uma obra circula fora do âmbito literário, como por instituições estatais, policiais, internacionais, as relações entre literatura e política externa também se iluminam. Entender estas relações em meados do século XX, no Brasil entre ditaduras, e nas Américas entre guerras transnacionais, é relevante atualmente, quando fronteiras entre política e ideologia são reavaliadas e questionadas. A produção cultural de circulação internacional tem efeitos importantes para a sociedade nacional e suas visões e influências externas. A estetização da política e a politização da arte, afinal, são temas de um debate crescente, desde Benjamin³ até discussões da atual situação nacional.⁴

Neste ensaio tomamos como estudo de caso o conto “A menor mulher do mundo”⁵, de Clarice Lispector, e sua tradução pela poeta estadunidense Elizabeth Bishop, buscando expandir as diferenças entre a tradução e o original para reflexões mais amplas sobre fato e ficção, literatura e política. Lispector viveu por muito tempo fora do Brasil. Ela viu seu país, em uma perspectiva externa, em um momento em que muito se discutiam influências externas na identidade nacional, tanto na arte quanto na política. Nesse contexto, a função da literatura estava sendo pensada por parte estados e órgãos internacionais tanto como veículo de compreensão mútua entre as nações quanto como potencial carregadora de ideologia subversiva. Do início ao fim do período de escrita de seu *Laços de família* (1960), o Brasil viveu transformações profundas, indo da Segunda Guerra Mundial e do Estado Novo à Guerra Fria e aos prenúncios do conseqüente golpe militar. Tendo recepção monumental⁶, a maioria dos contos desse livro partem de situações cotidianas da classe média brasileira⁷, o que lhe confere uma especial perspectiva entre interior e exterior, sobretudo em contos que lidam com o outro, e indiretamente com o tema da circulação internacional de ideias. Enquanto isso, Bishop fez a trajetória inver-

SON, E. P. *Os românticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, e WILLIAMS, Raymond. *Marxism and literature*. Oxford/New York: Oxford University Press, 1977.

³ Ver BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 2012.

⁴ Ver FIGUEIREDO, Clara. Sem filtro, sem *make*: bolsonarismo e estetização da política na era do *selfie*. *Le Monde Diplomatique Brasil (on-line)*, 7 dez. 2020.

⁵ LISPECTOR, Clarice. A menor mulher do mundo. In: *Laços de família*. São Paulo: Francisco Alves, 1962.

⁶ *Laços de família* recebeu o Prêmio Jabuti em 1961. Erico Verissimo chamou-o de “a mais importante coleção de histórias publicadas neste país na era pós-machadiana”. VERISSIMO, Erico. In: MONTERO, Teresa (org.). *Clarice na cabeceira*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

⁷ O livro de 13 contos está distribuído em 160 páginas: Amor, Uma galinha, Laços de família, O jantar e começos de uma fortuna, Mistério de São Cristóvão, Devaneio e embriaguez duma rapariga, A imitação da Rosa, Feliz aniversário, A menor mulher do mundo, Preciosidade, O crime do professor de matemática e O búfalo.

sa à de Lispector, vivendo no Brasil quando Lispector vivia nos Estados Unidos. A transição, o transnacional e o transatlântico permeiam ambas trajetórias. Temas como a presença da diáspora africana na cultura brasileira transparecem a partir do deslocamento da obra de um país para o outro. Assim, encontramos mais um ângulo para pensarmos os caminhos cruzados da literatura e a vida internacional de uma obra enquanto fonte, desde os meandros da minúcia da tradução até os desdobramentos políticos sobre a função da literatura no contexto do início da Guerra Fria.

Iniciamos este ensaio refletindo sobre o papel da alteridade na literatura, tanto dentro da narrativa como na experiência do escritor. Em seguida, na análise da tradução do conto de Lispector, são examinados tanto os temas do encontro com o outro e da ficcionalidade na imprensa internacional, quanto as motivações indiretamente político-ideológicas para as escolhas de tradução de Bishop. Finalmente, ampliamos a reflexão para o âmbito teórico do debate sobre fato e ficção, o monitoramento político da ficção e a tradução como fonte histórica. A partir dessas três abordagens, revela-se que a obra literária é política, não só em si (por mais fantástica e não referencial que seja) como também nas sutilezas linguísticas de seu deslocamento para diferentes contextos e nas discussões da função da ficção por parte do próprio aparato político internacional.

O problema: olhar de fora

Na escrita de escritores que viajam, são frequentes as reflexões sobre identidade nacional, alteridade e deslocamento. Erico Verissimo dizia que a saudade era uma lente de aumento para o próprio país⁸; Paulo Prado lembrou que foi do alto de um atelier em Paris que Oswald de Andrade concebeu suas teorias sobre o Brasil. Mais tarde Silviano Santiago problematizaria essa questão, dizendo que ela veio a se tornar um *tópos* comum entre os pensadores brasileiros: o de que é preciso deixar a pátria para descobri-la.⁹

Clarice Lispector frequentemente joga com o estranho e magnífico e obscuro outro, um outro que acende mistérios na consciência da voz que narra por dentro do âmago das personagens. O estranhamento alimenta a construção do familiar e vice-versa. Um dos contos que mais evidencia isso é “A menor mulher do mundo”. No conto, quando chega ao Brasil urbano a notícia sobre uma mulher de 45 centímetros encontrada “nas profundezas da África ocidental”, diversas reações humanas são despertadas nos leitores de jornal. A notícia, vinda da profundidade de um lugar absolutamente outro do ponto de vista da classe média brasileira, chega por meio da imprensa através da mediação do explorador europeu. Sair do próprio mundo e encontrar o irreal foi em diferentes campos percebido como um caminho para encontrar a própria realidade. Do ponto de vista eurocêntrico, a África foi, desde a antiguidade, a

⁸ VERISSIMO, Erico. *Gato preto em campo de neve*. Porto Alegre: O Globo, 1953 [1942], p. 281.

⁹ Cf. SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar da América Latina. In: *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 134.

terra estrangeira mística do outro por excelência, tida como um lugar de estados de realidade fantásticos.¹⁰

“A menor mulher do mundo” levanta inúmeros problemas de encontro com o outro e questões raciais no Brasil, sem sair de casa. Gilberto Freyre já ensinara, afinal, como tais questões estão justamente em casa, latentes nas relações familiares (nos “laços de família?”).¹¹ A notícia de jornal que fala da descoberta da “menor mulher do mundo” por um explorador francês é lida por pessoas comuns (no Brasil, supõe-se) que reagem de diferentes formas – sempre com o desconforto da absoluta alteridade. Entre humor e horror, temos um mapa ácido das políticas de representação brasileiras, e da ignorância de um país sobre suas próprias raízes, em conversas sobre selva e civilização na mesa do café da manhã. Uma das passagens mais perversas do conto diz: “A senhora já pensou, mamãe, de que tamanho será o nenezinho dela? – disse ardente a filha mais velha de treze anos. O pai mexeu-se atrás do jornal. – Deve ser o bebê preto menor do mundo – respondeu a mãe, derretendo-se de gosto. – Imagine só ela servindo a mesa aqui de casa!”¹²

Outra alteridade que figura no conto é a social. A reação dos leitores de jornal é praticamente escravocrata: querem que Pequena Flor “trabalhe em casa”, querem brincar como se fosse uma boneca inanimada ou abusar do seu trabalho. O deslocamento geográfico desse outro se faz, por meio da narrativa, num sentido triangular-Atlântico. Começa no explorador, europeu, chega na “menor mulher”, africana, e, por fim, ao Brasil, por meio da notícia. Aquele outro mirabolante afeta, fortemente a família brasileira pelo simples fato de existir. Mexe na dinâmica do café e nas memórias escondidas das pessoas, evidencia fetiches e hipocrisias em claro/escuro. A ficção se torna um espaço seguro – mais ainda quando de cunho fantástico – por onde transparece o racismo de uma sociedade, não em forma de denúncia, mas, sim, revelado intimamente por dentro da experiência do leitor com a guarda baixa, de certa forma traindo o discurso objetivo vigente. Esse efeito, em que o não real fala melhor sobre a realidade, será discutido adiante.

A alteridade na leitura de uma obra, para Bakhtin, se dá no âmbito do espaço e do tempo. Ao mesmo tempo em que é preparada antes do seu tempo de escrita, a obra literária é também melhor compreendida após o seu tempo de escrita. Em termos de espaço, similarmente, “somente nos olhos de outra cultura uma cultura estrangeira se revela completa e profundamente”.¹³ E, ainda assim, a obra é acima de tudo o seu tempo em si. Ver o outro que chega de fora para dentro ou ver a si mesmo a partir de fora é um processo que Lispector conheceu em sua própria trajetória. Se o outro pode fascinar, como na ironia dolorosa de “A menor mulher do mundo”, há nas viagens de Lispector um quê de indiferença, sua correspondência pessoal parece evocar um deslocamento dentro do deslocamento. Entediada em Berna e não se reconhecendo em Paris, ela reflete que o desassossego não se curaria

¹⁰ Agradecemos a Rodrigo Lopes de Barros (Boston University) e Joaquin Terrones (Massachusetts Institute of Technology) pelas observações sobre Lispector a partir das chaves de leitura do transe e do fantástico.

¹¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: Maia e Schmidt, 1933.

¹² LISPECTOR, Clarice, *op. cit.*, p. 111.

¹³ BAKHTIN, Mikhail, *op. cit.*, p. 4 (tradução da autora).

se estivesse no Brasil.¹⁴ Bishop, analogamente, escrevia com frequência sobre sua sensação de deslocamento, enquanto imigrante no Brasil, mas também nos Estados Unidos.¹⁵

Assim que foi publicada, a coletânea *Laços de família* recebeu resenhas que focavam no universo ficcional criado por Lispector e na sua abordagem do "perigoso assunto da mulher".¹⁶ Bishop, enquanto isso, tentava convencer (a princípio sem sucesso) seus editores a publicar suas traduções da desconhecida Lispector.¹⁷ No ano em que Bishop descobriu Lispector, Antônio Callado, no *New York Times*, comentou como os estadunidenses ainda precisavam conhecer a obra de Lispector, enquanto franceses e alemães já a haviam traduzido.¹⁸ Alguns anos mais tarde, a própria Clarice Lispector refletiria sobre seu processo de escrita: "Não é fácil lembrar-me de como e por que escrevi um conto ou um romance. Depois que se desapegam de mim, também eu os estranho" Sobre a escrita de "A menor mulher do mundo", Lispector diz: "me lembra domingo, primavera em Washington, criança adormecendo no colo no meio de um passeio, primeiros calores de maio enquanto a menor mulher do mundo (uma notícia lida no jornal) intensificava tudo isso num lugar que me parece o nascedouro do mundo: África. Creio que também este conto vem de meu amor por bichos...".¹⁹

Há aí tanto o elemento da exterioridade quanto a vida própria de uma obra após o seu tempo, uma vez que, mesmo originalmente partindo de Washington, o conto diz mais, hoje, sobre o Brasil.

Estudo de caso: pistas na tradução Lispector-Bishop

Na tradução de Clarice Lispector para o inglês feita por Elizabeth Bishop, o conto "Uma galinha" (1960) torna-se "A hen" (1964). Muitas das incompatibilidades de sentido entre o original e a tradução têm a ver com simples diferenças entre as próprias línguas. Esse deslocamento da obra de Lispector para outra língua acaba, no entanto, por revelar especificidades do original, revela como sua obra é lida quando transposta para outros planos de realidade. Um exemplo de mudança no sentido é gerado pela impossibilidade de, na língua inglesa, nomear-se um sujeito sem pronome à frente. No portu-

¹⁴ Clarice Lispector escreve da Suíça em 1946: "É engraçado que pensando bem não há um verdadeiro lugar para se viver. Tudo é terra dos outros,...". LISPECTOR, Clarice. *Correspondência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 80. No ano seguinte, em Paris, diz que se sente ela mesma o outro: "Com a vida assim parece que sou 'outra pessoa' em Paris. [...] Quem está se divertindo é uma mulher que eu não conheço". *Idem, ibidem*, p. 115.

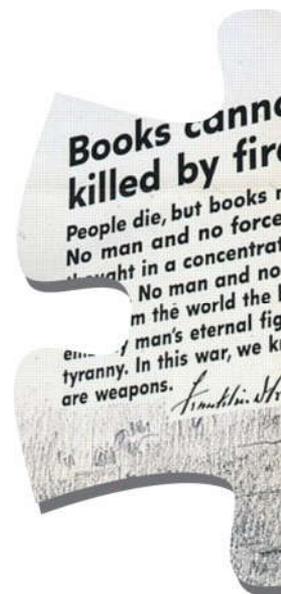
¹⁵ Isso se mostra em correspondência de Bishop. O aspecto da viagem e do deslocamento na poética de Bishop tem sido amplamente estudado, sobretudo na área das Letras. Ver HOLLISTER, Susannah L. Elizabeth Bishop's geographic feeling. *Twentieth Century Literature*, 58, n. 3, Hempstead, 2012.

¹⁶ BRASIL, Assis. *Laços de família*. *Jornal do Brasil*, 24 set. 1960. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso em 13 dez. 2020.

¹⁷ Carta de Elizabeth Bishop a Robert Lowell, 30 out. 1962. In: BISHOP, Elizabeth and LOWELL, Robert. *Words in air: the complete correspondence between Elizabeth Bishop and Robert Lowell*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2008, p. 431.

¹⁸ Cf. CALLADO, Antonio. Literary letter from Brazil. *New York Times*, 27 dez. 1964. Sobre as traduções de Lispector para o mercado anglófono e sua recente "redescoberta", ver COSTA, Cynthia Beatrice e DE FREITAS, Luana Ferreira. A internacionalização de Clarice Lispector: história clariceana em inglês. *Cadernos de Tradução*, v. 37, n. 2, Florianópolis, maio-ago. 2017.

¹⁹ LISPECTOR, Clarice. A explicação que não explica. *Jornal do Brasil*, 11 out. 1969. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso em 13 dez. 2020.



guês, Clarice pode começar seu conto dizendo, simplesmente: “Era uma galinha de domingo. Ainda viva porque não passava de nove horas da manhã”.²⁰ Já a tradução de Bishop diz: “*She was a Sunday hen. She was still alive only because it was not yet 9 o’clock*”.²¹ Enquanto Lispector diz que “era uma galinha”, qualquer galinha, Bishop teve que escolher entre o pronome para animais e objetos inanimados: *it* e o pronome humano e feminino *she*. Assim, Bishop teve que escolher se essa galinha é mais humana, digna de afeto como um animal doméstico, ou se é simplesmente um animal indiferente, comestível. Bishop escolhe a primeira opção. E esta simples escolha transforma em tragédia a morte arbitrária e sem cerimônia da tal galinha ao final do conto. Em Lispector, é precisamente o “anonimato” da galinha (feita para ser comida desde o início) o que instiga o choque e prazer no leitor diante da surpresa óbvia da famosa linha final: “Até que um dia mataram-na, comeram-na e passaram-se anos” Outra troca singela que acarreta este mesmo problema é a escolha da palavra para designar o animal/personagem. “Galinha”, dependendo da região do Brasil, pode significar tanto o animal vivo quanto o “prato”, por assim dizer; enquanto “*hen*” (e não “*chicken*”) é em geral apenas o animal vivo. Isso faz com que, na tradução, a morte seja ainda mais “pessoal”, personificada, e menos aleatória e “natural” como matar um ser que tem nome de alimento. Quando Bishop traduz Lispector, ela termina por evidenciar encontros e desencontros da própria transição.

Já a leitura comparada entre o original e a tradução de Bishop de “A menor mulher do mundo” revela discrepâncias, pequenas porém contundentes, no entendimento dos cruzamentos entre as culturas. Para citar alguns breves exemplos: os arredondados “45 centímetros” viram os excessivamente específicos “*seventeen and three-quarter inches*”; “mulherzinha africana”, que denota “africana” como adjetivação intrínseca à pessoa, vira “*little woman from Africa*”²², remetendo à origem geográfica; e “quando um filho nasce a liberdade lhe é dada quase que imediatamente”, onde a liberdade é um substantivo, uma dádiva a ser concedida, é traduzido como “*when a child is born, it is left free almost immediately*”, ou seja, na tradução a criança é “mantida livre”, como condição nata, em vez de “receber” a liberdade, sob controle externo, como um bem adquirido, como aparece no conto original.

Uma das trocas mais carregadas da diferença dos contextos brasileiro e estadunidense é a que diz respeito à raça/cor da própria “menor mulher do mundo”, Pequena Flor. O conto diz que “a fotografia de Pequena Flor foi publicada no suplemento colorido dos jornais de domingo, onde coube em tamanho natural. Enrolada num pano, com a barriga em estado adiantado. O nariz chato, a cara preta, os olhos fundos, os pés espalmados. Parecia um cachorro”. Na tradução de Elizabeth Bishop, lê-se o mesmo parágrafo da seguinte forma: “*She was rapped in a cloth, her belly already very big. The flat nose, the black face, the splay feet. She looked like a dog*”. E o sentimento da mãe era em Lispector “escuro como um macaco”; e vira em Bishop “*black as a monkey*”. Por outro lado, “Deve ser o bebê preto menor do mundo” vira “*it should be the*

²⁰ *Idem*, Uma galinha. In: *Laços de família*, op. cit.

²¹ BISHOP, Elizabeth. A hen. *The Kenyon Review*, v. 26, n. 3, Gambier, Summer 1964. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/4334462>>. Acesso em 10 jan. 2020.

²² BISHOP, Elizabeth. The smallest woman in the world. *The Kenyon Review*, op. cit.

smallest black baby in the world". Em outro momento, Lispector altera a escolha e "preto" passa a ser "negro": "Enquanto isso, na África, a própria coisa rara tinha no coração – quem sabe se negro também, pois numa Natureza que errou uma vez já não se pode mais confiar...". Bishop segue usando *black*. Novamente Lispector escreve: "amor é gostar da cor rara de um homem que não é negro", e Bishop: "*the strange color of a man who isn't black*". Assim, vemos em Lispector a variação de termos para denominar cor e etnia: preto, negro, escuro; enquanto Bishop usa sempre "*black*", num processo de "pasteurização".²³ Na obra de Lispector transparece um contexto brasileiro de designações raciais dúbias, em relações contraditórias entre o mito da miscigenação e o grave racismo. Enquanto "preto" e "negro" ainda coexistiam com certa elasticidade política, o contexto em que Bishop traduz é o auge dos movimentos pelos direitos civis nos Estados Unidos, em que o termo *Negro* (em inglês) ainda era usado, antes de ser extinto oficialmente como pejorativo e substituído por *black*, para mais tarde dar espaço ao *African-American* como politicamente correto.²⁴ A escolha de Bishop por neutralizar as descrições como *black* evita problematizar tão agudamente o discurso das personagens racistas, sendo talvez menos ousada que Lispector, usando uma saída pela via da cor concreta e não de denominações politicamente carregadas.

O mapeamento do conto oferece outros problemas no deslocamento de uma língua (e cultura) para a outra. Em cinco momentos Lispector situa geograficamente a história narrada: "Nas profundezas da África Equatorial" ("*in the depths of equatorial Africa*"); perigos da África (*dangers of Africa*); "Bantus" ("Bahundes"); e "Congo Central", duas vezes ("*Eastern Congo, near Lake Kivu*" em um caso, e "*Eastern Congo*" no outro). Ao escrever, nos anos 1960, um conto que se passa na África, ambas as escritoras estão sendo testemunhas (a distância, somente por meio de notícias de jornal) dos processos de descolonização das regiões do continente, que vivem um *boom* no mesmo ano da publicação de *Laços de família*, e são ainda assunto acalorado entre original e tradução.²⁵ Mas as transições conflituosas de fronteiras e nomenclaturas desse período não explicam por que é que, numa tradução que procura ser "fiel" ao longo da obra, Bishop escolhe transladar o "Congo central" para "*Eastern Congo*" e, mais que isso, especificar o local com um acidente geográfico que não estava ali no original: "*near Lake Kivu*" é a única "adição" que ela faz à obra.

²³ As diferenças linguísticas são acompanhadas de diferenças de percepção das relações raciais. Enquanto nos EUA havia a "*one drop rule*," generalizando todos os indivíduos com a mínima ascendência africana, e uma política oficial de segregação racial, no Brasil diferentes matizes eram descritas no ideal da mestiçagem rumo ao "embranquecimento" e ao discurso da democracia racial. Ainda hoje há termos cuja tradução não é autoevidente, como de *African-American* para afro-brasileiro. Ver GRAHAM, Jessica. *Shifting the meaning of democracy: race, politics and culture in the United States and Brazil*. Oakland: University of California Press, 2019.

²⁴ O termo Negro, com maiúsculo, era comum entre 1940 e 1960, como se vê no *Google Books Ngram viewer*. Dubois fala em "*American Negro*" e "*Negro history*" em *Whither now and why*. In: DUBOIS, W. E. B. *The education of black people*. New York and London: Monthly Review Press, 1960. Embora "*black*" seja uma tradução segura para "preto" e "negro", por se tratar simplesmente da "cor" e não da "raça", com ela se perdem as nuances entre as variações do português. Ver ALBERTO, Paulina. *Termos de inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas: Editora Unicamp, 2017.

²⁵ Só em 1960, houve as independências de Camarões, Togo, Mali, Senegal, Madagascar, Somália, República Democrática do Congo, Benim, Níger, Burkina Faso, Costa do Marfim, Chade, República Centro-Africana, República do Congo, Gabão, Nigéria e Mauritânia.

Quando Lispector situa o conto “nas profundezas da África Equatorial” e novamente “no Congo Central”, ela fala do centro do centro, o mais profundo núcleo primordial. Há ali uma possível alusão a *Coração das trevas*, de Joseph Conrad (1902): um espaço vago africano e ao mesmo tempo profundo, pontual. Esta imagem do continente como um todo e depois do foco no seu recluso centro, profundo, como que escondido dentro, espelha-se na descrição de Pequena Flor: africana, grávida, que, portanto, carrega dentro de si o dentro-do-dentro, no seu núcleo: um filho no centro da mãe “escura”. A narradora chega ainda a criar a dúvida a respeito da cor do coração da “menor mulher do mundo”, se será também negro – como um “coração das trevas”. Bishop escolhe não centralizar a narrativa no “centro do centro da África”, imagem ampla e ao mesmo tempo densa de sentidos e intertextualidade, e desloca o local para a África Oriental. A tradutora adiciona o Lago Kivu ao cenário, definindo assim o local que era vago, imaginário, como uma região mais real, na fronteira com Ruanda.

Esse não é o único esforço de especificação regional da estadunidense. Lispector fala que os inimigos da tribo de Pequena Flor eram “Bantus” (um tronco que abarca cerca de 400 etnias diferentes e espalha-se até a África do Sul, e foi levado ao Brasil durante o tráfico), enquanto Bishop especifica: quem comiam os “likoulas” eram “Bahundes” (grupo menor). Deixando inúmeras questões em aberto, a leitura da tradução fecha o “quadrado atlântico” da obra de transe e trânsito de Lispector. O original faz dentro de si o movimento Europa-África-América do Sul, e em Bishop desloca-o mais uma vez à América do Norte.²⁶ Como fala Santiago, o “entre-lugar” está na essência da cultura latino-americana. A complexidade de misturas e camadas do “entre” contaminado de que Lispector é capaz tem a ver com a colocação de Santiago de que “a maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e de pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação de latino-americanos se afirma, se mostra mais eficaz”.²⁷

Esse elemento está presente na obra de Lispector, seja no transe da terra ou da consciência ou mesmo na vida da própria obra que transita, enigmática, entre línguas e mundos. Além disso, há um aspecto meta: trata-se de uma história sobre ver de fora (imprensa, elite, África), vista de fora (Brasil-EUA). Entendendo a literatura como sistema²⁸, e o sistema literário como parte de um panorama global, que era cada vez mais interligado a partir daquele momento, buscamos ler o contexto dentro (e ao redor) de “A menor mulher do mundo”. O caso das diferenças entre os racismos brasileiro e estadunidense é sintomático e, assim como transparece mesmo nas sutilezas de tradução, era um fato relevante na política externa da Guerra Fria entre as Américas.²⁹

²⁶ Sobre literatura e raízes africanas em comum entre EUA e Brasil, como a ideia de entre-lugar, ver GATES, Jr. Henry Louis. *The signifying monkey, a theory of African-American literary criticism*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

²⁷ SANTIAGO, Silvano, *op. cit.*, p. 16.

²⁸ Cf. CANDIDO, Antonio, *op. cit.*

²⁹ A Unesco estudou o Brasil nos anos 1950 em busca da sua fórmula para a “democracia racial”, concluindo, porém, que se tratava de um mito. Ver MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das Ciências Sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 41, São Paulo, 1999. Ainda

Outro ponto a observar é que a presença, no conto, do jornal e da circulação de informação internacional sobre o outro levanta pontos em comum com a própria experiência de Bishop vivendo no exterior. Em cartas, ela avisa amigos nos Estados Unidos a não acreditarem na imprensa sobre o Brasil.³⁰ Os equívocos se deviam em alguns casos a problemas de tradução. Ela diz que o *New York Times* trocou tudo: “‘reactionary’ for ‘liberal’ and so on”. Embora opostos em termos culturais nos Estados Unidos, estes termos podem não ser tão distantes em termos econômicos no Brasil. O uso equivocado do falso cognato “liberal” é comum, e um exemplo de como cultura e política quando em intercâmbio podem trazer consequências concretas.³¹ Se a “exterioridade” de Bakhtin pode ser uma ferramenta poderosa para a compreensão, a experiência de um país por meio de lentes estrangeiras pode também resultar em efeitos inversos.

Em meados do século XX, para além do apoio estatal encorajando viagens e produção de propaganda política indireta, escritores engajados em trazer histórias brasileiras para o inglês e através das Américas, dependiam muitas vezes de esforço individual. L. L. Barrett foi quem insistiu com a editora MacMillan de Nova York para transportar para lá *O tempo e o vento* (Erico Verissimo, 1949), encontrando tantas barreiras editoriais que se ofereceu para traduzir o romance ele mesmo, sem pagamento pela tradução.³² Elizabeth Bishop, por sua vez, trocou larga correspondência para convencer seus editores a publicar “A menor mulher do mundo”. Os editores da revista *The New Yorker* explicaram a Bishop que, para justificar a publicação de uma tradução em vez de obras originais em inglês, o conto tinha de ser de qualidade superior aos disponíveis em inglês.³³ As formas como a literatura brasileira viaja entre as Américas, na Guerra Fria, envolvem olhares tanto editoriais como literários e estatais, e envolvem múltiplas camadas de pensamento sobre a função veicular da literatura, isto é, o que ela carregaria consigo em termos de uma cultura e ideologia.

Generalizando: histórias que viajam; fato e ficção num mundo em expansão

Ao vivenciar o distanciamento do país, em 1843, Gonçalves Dias escreveu seu célebre verso “minha terra tem palmeiras”, que 82 anos depois Oswald de Andrade desconstrói: “minha terra tem palmares onde gorjeia o mar”; e mais 20 anos depois Erico Verissimo complementa com realismo soci-

assim, as comparações entre Brasil e EUA foram motivo de tensão durante o início da Guerra Fria, uma vez que as denúncias ao racismo explícito estadunidense prejudicavam a publicidade internacional para a causa do bloco capitalista. Ver SHEPARD, Todd. Algeria, France, Mexico, Unesco: a transnational history of anti-racism and decolonization, 1932-1962. *Journal of Global History*, v. 6, n. 2, Cambridge, 2011.

³⁰ Ver carta de Elizabeth Bishop a Loren MacIver, 20 nov. 1955. In: BISHOP, Elizabeth. *One art*. Nova York: Farrar, Straus, Giroux, p. 794.

³¹ Neste caso, opiniões polarizadas sobre liberalismo/neoliberalismo econômico num país em desenvolvimento, bem como sobre modos de vida culturalmente “liberais” num país católico, são cruciais.

³² Cf. carta de L. L. Barrett para H. S. Latham (presidente da editora MacMillan de Nova York), 6 jul. 1950. Arquivo Erico Verissimo, Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro. A tradução de Barrett de *O tempo e o vento* foi objeto de estudo sobre o narrador ambivalente e o antifascismo em GATTI, Maria G. Back to the future: gender, race and progress in the narrator of the continent. *Brasil/Brazil: Revista de Literatura Brasileira/A Journal of Brazilian Literature*, v. 33, n. 63, Porto Alegre-Providence, 2020.

³³ Cf. BIELE, Joelle (ed.). *Elizabeth Bishop and The New Yorker: the complete correspondence*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2011.



al, apresentando tal terra para estrangeiros: "*My country has palmtrees... but snakes and slaves, too*".³⁴ O que é visto como a "essência" nacional de um lugar e seus problemas, visto de fora, ou de dentro, ou de fora para dentro, importa. Tais reflexões do campo da literatura coexistiram, em meados do século XX, com inquéritos análogos por parte dos estados envolvidos na circulação de literatura. Qual versão de um país é escolhida para representá-lo (ou influenciar outros), e qual é reprimida? A tradução revela proximidade, diferença, ambiguidade de uma obra que permite múltiplas interpretações. Conhecer a visão do exterior, da polícia, do outro, revela o descompasso, contradições de um contexto internacional. Nas próximas páginas, abordaremos o problema a partir de três reflexões: 1) o manejo estatal da literatura no âmbito internacional; 2) a fronteira fato/ficção na teoria e no contexto; 3) a função da tradução literária na pesquisa histórica, discutindo o traslado de ideologias e os perigos atuais da interpretação política na cultura.

O manejo da literatura em aparatos políticos e internacionais ajuda a refletir sobre a função da literatura no contexto de política externa, entre Estado Novo e ditadura militar, e entre Segunda Guerra e Guerra Fria. Recentemente, Bishop recebeu crítica brasileira controversa por sua posição política quando vivia no país nos anos 1950 e 1960. A notícia de um livro dos seus escritos sobre o Brasil a sair em 2021 relembra a polêmica gerada em torno da homenagem feita pela Feira Literária de Paraty (Flip) de 2019 à autora, decisão criticada por ela ter "apoiado o golpe de 1964". O anúncio da nova edição, por outro lado, diz que sua obra deve ser ainda assim valorizada "apesar" do seu equívoco político à época. Sua obra é então reapresentada ao leitor brasileiro como sendo rica unicamente por sua forma, esta que, diz o artigo, é melhor compreendida se o leitor ignorar o contexto histórico.³⁵

O que buscamos entender é justamente o contrário. Não só há conteúdo histórico a transparecer por meio de obras inclusive de autores "despolitizados" como Bishop³⁶, mostrando a natureza assimétrica e instável do período entreditaduras, como também em muitos casos é justamente devido ao seu lugar questionável na consciência política brasileira que seu olhar pode ser único – ou mesmo representativo de um ângulo. Mesmo quando isso se revela nas entrelinhas de uma tradução. Aquele período era repleto de contradições sobre os rumos que o Brasil deveria tomar, e muitos autores renomados estiveram por um momento incertos sobre qual lado apoiar.³⁷ Marx já

³⁴ "Minha terra tem palmeiras... mas cobras e escravos, também" (tradução da autora). In: VERISSIMO, Erico. *Brazilian Literature, an outline*. New York: MacMillan, 1945.

³⁵ "São poemas concentrados em remissões internas, de tal modo que as referências históricas menos elucidam que atrapalham a percepção de seu aspecto inovador". PÉCORA, Alcir. Elizabeth Bishop foi deposta da Flip, mas sua poesia ressurgiu firme. *Folha de S. Paulo*, 2 dez. 2020.

³⁶ Bishop se mostrava consciente de suas limitações, dizendo nos anos 1950 que transitava apenas em "círculos anti-Vargas". BISHOP, Elizabeth. *One art, op. cit.*, p. 10. Sobre Bishop e a política, ver ERKKILA, Betsy. Elizabeth Bishop, modernism, and the left. *American Literary History*, v. 8, n. 2, Urbana, 1996; ROMAN, Camille. *Elizabeth Bishop's World War II-Cold War view*. New York: Palgrave Macmillan, 2001, e HICOK, Bethany. Bishop's Brazilian Politics. In: *Elizabeth Bishop in the twenty-first century* (edited by Angus Cleghorn, Bethany Hicok, and Thomas Travisano). Charlottesville: University of Virginia Press, 2012.

³⁷ Erico Verissimo também levava a crítica a Vargas longe o bastante ao ponto de criticar João Goulart e, portanto, participar do clima que levou ao golpe de 1964. Ver carta de Erico Verissimo a Ralph Dimmick, 1 abr. 1964. Dimmick Collection Personal Papers. Letters to Ralph Edward Ingalls Dimmick 1944-1997. Cambridge: Houghton Library. Correspondence from Verissimo, 1950-1975, folder 1.

dissera que um dos autores que melhor representava a sociedade, por acaso, tinha o posicionamento político mais equivocado.³⁸

O papel atribuído à literatura na política (e vice-versa) muda, naturalmente, com o tempo. Do ponto de vista do Estado e das relações internacionais, se durante a Segunda Guerra Mundial ela foi anunciada como propaganda dos Aliados, no pós-guerra a literatura foi discutida como ferramenta para o sonho internacionalista e panamericano.³⁹ Durante a guerra, a campanha "Books are weapons in the war of ideas"⁴⁰ era parte da propaganda de guerra dos Estados Unidos como resposta à queima de livros na Alemanha nazista. A frase, pensada por editores atuantes no Council of Books in Wartime, tinha relação com projetos globais de produção e venda de livros que apoiassem a "ideologia Aliada".⁴¹ As relações entre escritores e seus estados eram particularmente complexas no Estado Novo⁴²; e em diversos países e épocas as implicações da vigilância da literatura mostram o quanto estados "moldavam" a literatura pelo próprio processo de vigilância.⁴³

Observar as apropriações da literatura numa dinâmica internacional implica considerar essas complexidades em intercâmbio, se contradizendo e/ou somando. A importância dada aos livros na guerra mostra, em seu limite, a função da literatura na política externa.⁴⁴ A guerra abre espaço para a fina vigilância da cultura política de outros países.⁴⁵ No contexto que se formava, os escritores eram frequentemente considerados árbitros do bom senso e da política, mais do que acadêmicos ou políticos.⁴⁶ Já no pós-guerra, assim que a Unesco foi formada, um dos projetos debatidos foi o de tradução de literatura num especial momento de internacionalismo.⁴⁷ Feito em parceria com a Organização dos Estados Americanos (OEA), o conhecimento de uma cultura a

³⁸ Balzac, admirador da aristocracia, é mencionado como o autor que melhor representou a situação da classe. Apud LUKÁCS, György. *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 27.

³⁹ Ver MINELLA, Jorge Lucas Simões. Pan-americanismo e Estado Novo: considerações conceituais. *História: Debates e Tendências*, v. 12, n. 1, Passo Fundo, jan.-jun. 2012.

⁴⁰ Este slogan, em forma de carimbo, aparece, em 1945, na folha de rosto livro de Verissimo sobre literatura brasileira *Brazilian Literature, an outline*, op. cit.

⁴¹ Ver HENCH, John. *Books as weapons: propaganda, publishing, and the battle for global markets in the era of World War II*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2010.

⁴² Ver BOMENY, Helena (org.) *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, e MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁴³ Ver DARNTON, Robert. *Censors at work: How States Shaped Literature*. New York and London: W. W. Norton, 2014.

⁴⁴ Tivemos acesso à ficha de Erico Verissimo no FBI por meio do Freedom of Information Act (Foia n. 1156463-000), à época da elaboração da dissertação da autora, sob orientação do Prof. Adriano L. Duarte (UFSC).

⁴⁵ Ver SMITH, Jeffrey. *War and press freedom: the problem of prerogative power*. Oxford: Oxford University Press, 1999. No centro das relações Brasil-EUA durante a Segunda Guerra Mundial, é visível o desenvolvimento de mecanismos da Guerra Fria, cf. HUGGINS, Martha K. *Political policing, United States and Latin America*. Durham: Duke University Press, 1998. A Guerra Fria Cultural estava intimamente ligada a ações políticas e militares violentas, cf. IBER, Patrick. *Neither peace nor freedom: the Cultural Cold War in Latin America*. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

⁴⁶ Ver FRANCO, Jean. *The decline and fall of the lettered city: Latin America in the Cold War*. Cambridge & London: Harvard University Press, 2002.

⁴⁷ Ver SLUGA, Glenda. *Internationalism in the age of nationalism*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2013; ROTHSCHILD, Emma. The Archives of Universal History. *Journal of World History*, v. 19, n. 3, Honolulu, 2008, e DUEDAHL, Poul. Selling Mankind: Unesco and the invention of global history, 1945-1976. *Journal of World History*, v. 22, n. 1, Honolulu, 2011.

respeito da outra por meio da ficção era visto por muitos como uma forma de prevenir o próximo apocalipse.

Ao mesmo tempo, discussões internas mostram que ela era ao mesmo tempo temida pelo seu potencial veicular, de transporte velado de ideias. O diretor de Unesco, Jaime Torres-Bodet, defendeu o projeto: "a literatura é provavelmente a mais profunda e autêntica expressão do espírito humano".⁴⁸ Enquanto isso, Theodore Bestermann, também da Unesco, constatou que o campo das letras era o mais fraco da organização, devido ao "medo da palavra escrita enquanto potencial veículo de propaganda ideológica".⁴⁹ Em diferentes momentos da história foi discutido o papel da literatura e suas traduções numa potencial "literatura mundial". Já em 1827, no auge do nacionalismo, Goethe pedia o fim da era da literatura nacional, sugerindo a abertura para uma literatura mundial.⁵⁰ No século XX, ambas instâncias foram imaginadas em consonância. No esperançoso momento de internacionalismo do pós-guerra, a Unesco criou uma coleção de tradução de "obras representativas" do mundo, sugerindo foco em obras de cunho nacional e ao mesmo tempo universal.⁵¹ Mais recentemente, alguns pensam no conceito de "glocal", num sistema entre redes globais e locais interconectadas.⁵² Escritores estadunidenses como Bishop, John dos Passos, William Faulkner e Robert Frost foram convidados a ir para o Brasil no fim dos anos 1950 com apoio de ambos os estados, para estimular uma aliança Norte-Sul no continente, frente ao crescente antiamericanismo devido às violências da Guerra Fria, fazendo uso ideológico do intercâmbio cultural.⁵³

Enquanto isso, nas profundezas policiais dos estados envolvidos na formação da ONU, a preocupação com as conexões entre literatura e política também era presente. Na mesma época, por exemplo, a CIA discutia o posicionamento político de certos autores da América do Sul.⁵⁴ Perguntam: "O que aconteceu com a arte de Jorge Amado desde que ele se tornou comunista?" Antes um bom escritor, diz o informante da CIA, ele agora tem sua criatividade reprimida e é mero mensageiro da ideologia.⁵⁵ O documento, se definindo como "controle de intelectuais pelo estado comunista", infere que o gerenciamento da cultura, por parte da esfera política, é intrinsecamente negativo. Misturar política e arte, eles parecem dizer, é sempre errado. Sem questionar, evidentemente, a mesma atitude quando tomada por parte de uma instituição capitalista. Durante a guerra, e famosamente na Guerra Fria, o bloco aliado e anticomunista não media esforços ao influenciar a produção cultural, inclusi-

⁴⁸ Fala de abertura do diretor Jaime Torres-Bodet. Committee of Experts for the Translation of Great Books. Arquivos da Unesco, Paris, 1949.

⁴⁹ BESTERMANN, Theodore. *Unesco: peace in the minds of men*. London: Methuen, 1951, p. 64.

⁵⁰ Ver MORETTI, Franco. Conjectures on world literature. *New Left Review*, n. 1, London, 2000, e DAMROSH, David. *What is world literature?* New Jersey: Princeton University Press, 2003.

⁵¹ Ver Unesco. Committee of Experts for the Translation of Great Books, *op. cit.*

⁵² Cf. COOPPAN, Vilashini. Ghosts in the disciplinary machine: the uncanny life of world literature. *Comparative Literature Studies*, v. 41, n. 1, University Park, 2005.

⁵³ Ver OAKLEY, Helen. *The recontextualization of William Faulkner in Latin American fiction and culture*. Lewiston: E. Mellen Press, 2002. Oakley aponta que não foi coincidência que tais viagens foram apoiadas pelo Departamento de Estado justo na época em que as ofensivas da CIA na Guatemala estavam mais intensas.

⁵⁴ Central Intelligence Agency. CIA-RDP78-02771 R000500500004-5, CIA Records Search Tool (Crest), Prometheus bound - A (Intellectuals in the communist state), 1953. (CIA Digital Reading Room)

⁵⁵ CIA, Prometheus Bound, p. 10 (tradução da autora).

ve com apoio da própria CIA.⁵⁶ O material da CIA discute valor literário/artístico e valor político enquanto interconectados – a obra de Jorge Amado teria reduzida qualidade por ele ser agora comunista. Na documentação policial sobre literatura, há ainda o raciocínio contraditório no qual outras obras têm elevado valor literário por serem "patrióticas", ou por carregarem globalmente a palavra "certa", e literatura vinda de comunistas é inerentemente "ruim" e contra a liberdade de expressão. Vale lembrar que a circulação da ideia escrita era importante para Jorge Amado em sua atuação no governo.⁵⁷ Mas a ameaça presente entre as linhas do controle da literatura é a de que Amado não é mais apenas arte, mas, sim, política.

A separação ou integração entre qualidade artística e visão política é uma questão antiga. No outro lado da questão, toda obra literária é de algum modo "política" e forma literária do seu contexto em determinados ângulos. A maneira como os estados abordam as obras literárias revela também que há casos em que ser apolítico também levantava suspeita. Darnton⁵⁸ percebeu isso a respeito do contexto do *ancient regime* na França, onde os autores que sofriam maior análise de censores não eram aqueles que claramente criticavam o rei, mas, sim, os que sutilmente não o elogiavam o bastante. Observando o tratamento da literatura por parte de contextos nacionais diferentes daquele em que foi produzida, entretanto, novas camadas de história se revelam. Há diversos casos em que o tipo de ambiguidade de que fala Darnton ocorre também no âmbito internacional da Guerra Fria entre as Américas.⁵⁹ Antes de *O resto é silêncio* (Erico Verissimo, 1943) ser traduzido para o inglês, por exemplo, o FBI analisou a obra a partir de sua própria tradução interna. O informante concluiu que Verissimo não deve ser culpado pelo antiamericanismo contido na obra, já que são as opiniões de um personagem fictício, e não do autor. Quando o diretor do FBI J. Edgar Hoover encaminhou o relatório, entretanto, ele faz uma análise para além da relação autor-posicionamento: embora lhe pareça que de fato as palavras antiamericanas são de um personagem, este foi criado em Porto Alegre naquele ano, portanto as discussões que o inspiraram poderiam ser verdadeiras.⁶⁰ Quem está sob suspeita, na investigação do FBI sobre Verissimo, é em última análise o narrador e seu nível de ficcionalidade. Mesmo quando ele é eximido de responsabilidade, entretanto, a ficção ainda carrega riscos à ideologia.⁶¹

⁵⁶ Ver MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil, 1917-1964*. São Paulo: Perspectiva, 2002, e SAUNDERS, Frances. *Quem pagou a conta: a CIA na Guerra Fria da cultura*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

⁵⁷ Jorge Amado negociou a Emenda 2.850, propondo a isenção de impostos sobre papel destinado a jornais, periódicos e livros, e a Emenda 3.064, contra a censura prévia sobre publicações.

⁵⁸ DARNTON, Robert, *op. cit.*

⁵⁹ Além de Erico Verissimo, Gabriela Mistral e Jorge de Lima são exemplos de escritores que transitavam na esfera internacional da literatura, não eram comunistas e eram mencionados em documentação policial e da CIA. Ver CIA, *op. cit.*, p. 14, e BRUNO, Haroldo. Contestando difamações. Letras e Artes. *A Manhã*, 10 ago. 1952. Disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Acesso em 13 dez. 2020.

⁶⁰ Carta de 8 de junho de 1943. Federal Bureau of Investigation. "United States Department of Justice, Subject: Verissimo, Erico Lopes". FOIPA [Freedom of information/privacy acts] n. 1156463-000, 1943.

⁶¹ Sobre a ficha de Verissimo no FBI, ver GATTI, Maria G. *Literatura, de caso de polícia a caso de política externa: construindo redes de inteligência e redes literárias*. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História, Anpuh, Florianópolis, 2015. Um estudo detalhado do caso será publicado pela mesma autora sob o título de *Good neighbor, bad neighbor: fact and fiction in an FBI investigation of Brazilian literature during World War II*.

Por dentro da abordagem de vigilância internacional da literatura, evoca-se o problema da relação fato/ficção. “A menor mulher do mundo” contém realidades sociais através não só da ficção, como da ficção científica, do realismo mágico. É um caso em que a verdade se revela de forma mais forte do que fatos diretamente referenciais. A ideia de que verdade pode às vezes emanar melhor da ficção (“mais verdadeira que a verdade”⁶²) é antiga. A relação entre ficcional e real, literatura e história, tem sido pensada há séculos, e questionada com tensão no último. Desde considerá-los universos completamente independentes até vê-los como a mesma coisa. Na *Poética* de Aristóteles, a literatura era definida simplesmente como a representação das ações humanas pela linguagem. Curiosamente, intérpretes atuais da *Poética* entendem que o conceito aristotélico de *mimesis*, a representação da realidade, é parecido com a noção latina atual de *fictio*. Gallagher diz que, nessa abordagem, a poesia fala do universal e a história, do particular.⁶³ Ginzburg estica o argumento para dentro de sua própria concepção: “Os historiadores, nos diz Aristóteles, falam do que houve (do mundo verdadeiro, real); e os poetas, do que poderia ter havido (do possível)”.⁶⁴ Muitos séculos depois, a complexidade da fronteira entre fato e ficção é questionada quando Dafoe engana o público ao afirmar que seu personagem Robinson Crusoe é real. Cohn vê em Robinson Crusoe a tentativa de fugir da denúncia de falsidade fugindo da denúncia de ficção, ou vice-versa, ou ambos ao mesmo tempo: “à medida em que os leitores aprenderam a aceitar as normas do realismo literário, os romancistas tendiam a lançar alegações de realidade ou ‘factualidade’”.⁶⁵ A descoberta da ficção como um tipo de texto, em vez de uma mentira, estava relacionada ao processo pelo qual leitores começaram a desenvolver a capacidade de distingui-la tanto de fato quanto de fraude.⁶⁶ Levando em conta as minúcias da forma literária (e como esta forma viaja) começamos a destrinchar tal simbiose: “o ofício do historiador (e, de forma diferente, o do poeta) envolve algo que faz parte da vida de todos: desemaranhar os fios do verdadeiro, falso e ficcional que são a substância do nosso estar no mundo”.⁶⁷ Este problema se estende para além da pesquisa histórica, observadas as consequências catastróficas a que levam a não compreensão de tais fios e a falta de treino para a leitura não literal de produtos culturais e seu conteúdo político atualmente.

Quando consideramos a forma como a literatura viaja, portanto, desde o manejo estatal até as entrelinhas do processo de tradução, novas fronteiras de interpretação se abrem. Até na interface entre a política propriamente dita e o ato de traduzir, por exemplo, pode-se perceber a ação da ideologia sobre a prática da escrita. Mesmo quando não há censura objetiva, há autocensura na adaptação de um texto de um contexto para outro. Entender de que maneiras a ponderação da ideologia de um lugar/idioma adentra as escolhas de uma

⁶² COHN, Dorrit. *The distinction of fiction*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999, p. 4 (tradução da autora).

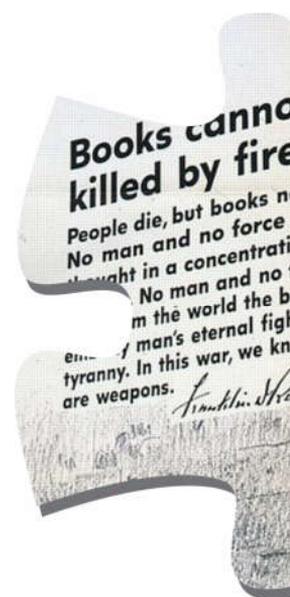
⁶³ Cf. GALLAGHER, Catherine. The rise of fictionality. In: MORETTI, Franco (org.). *The novel*. Princeton: Princeton University Press, 2007, p. 343.

⁶⁴ GINZBURG, Carlo. *Threads and traces: true, false, fictive*. Berkeley: University of California Press, 2012, p. 6 (tradução da autora).

⁶⁵ COHN, Dorrit, *op. cit.*, p. 3 (tradução da autora).

⁶⁶ Cf. GALLAGHER, Catherine, *op. cit.*, p. 338.

⁶⁷ GINZBURG, Carlo, *op. cit.*, p. 6 (tradução da autora).



tradutora que transporta o conto de um outro lugar/idioma pode ser revelador: "por quase meio século, entendeu-se que uma tradução é um texto sobre um texto, ou uma forma de 'metatexto'. Se olharmos para as implicações ideológicas desta observação aparentemente inócua, devemos reconhecer que a ideologia da tradução é algo complexo".⁶⁸ Quando Bishop transfere as múltiplas denominações raciais do original para a visão mais unilateral no inglês, a obra atravessa o filtro da cultura da tradutora, numa época em que os direitos civis não haviam sido conquistados e a miscigenação não havia feito parte do mito fundador do país. Ou quando a tradução situa a história no mapa de forma mais categórica que o original, vago, isso evidencia por contraste o diferencial de mistura e "entre-lugar" presente no discurso brasileiro. Complica-se ainda mais o complexo emaranhado de ficção e realidade, política e invenção, texto e contexto, que envolve uma obra e um autor. O que um conto diz do mundo e o que o mundo faz com o conto são caminhos escolhidos aqui para em última instância compreender o mundo, mais que o conto. Se "A menor mulher do mundo" já contém em si críticas pungentes à forma como a sociedade entende a sociedade e as informações sobre o outro, nas escolhas de tradução, por sua vez, revela-se uma camada adicional de alteridade, desta vez entre as Américas.

Artigo recebido em 15 de dezembro de 2020. Aprovado em 30 de janeiro de 2021.

⁶⁸ TYMOCZKO, Maria. Censorship and self-censorship in translation: ethics and ideology, resistance and collusion. In: CHULLEANÁIN, Eiléan Ní et al. (orgs.). *Translation and censorship: patterns of communication and interference*. Dublin: Four Courts Press, 2009, p. 27 (tradução da autora). Ver também SERUYA, Teresa e MONIZ, Maria Lin. *Translation and censorship in different times and landscapes*. Newcastle: Cambridge Scholars, 2008; INFANTE, Ignacio. *After translation: the transfer and circulation of modern poetics across the Atlantic*. New York: Fordham University Press, 2013, e MACHOVA, Mariana. *Elizabeth Bishop and translation*. London: Lexington, 2017.